



A SAÚDE NOS JORNAIS PERIFÉRICOS: O ABC ESTÁ NA U.T.I.?

Arquimedes Pessoni

Doutorando em Comunicação

Uni-FIAAM-FAAM

1 INTRODUÇÃO

Diversos são os veículos de comunicação que destinam regularmente espaço ao tema Medicina & Saúde. Cada vez mais a população procura informações sobre esses assuntos para se inteirar das últimas descobertas da ciência destas áreas e, conseqüentemente, garantir uma melhoria na qualidade de vida. Grande parte das informações é produzida por divulgadores científicos, profissionais da área médica, de laboratórios e universidades que buscam, por esforço próprio ou com o auxílio de profissionais da comunicação, levar às pessoas informações sobre novas descobertas da medicina, doenças e seus sintomas e até sugestões de políticas de saúde que possam colaborar na melhoria das condições de vida da população. Entretanto, muito se questiona sobre a qualidade das informações veiculadas na imprensa sobre os temas Medicina & Saúde. Por se tratar de uma área diretamente ligada à vida e à morte, a divulgação indevida de informações sobre estes assuntos pode causar sérios danos aos leitores.

Muitas vezes, seja por ausência de conhecimento dos profissionais da comunicação sobre a medicina, seja por falta de habilidade do pesquisador em relação à linguagem utilizada, as informações (até as que compõem a pseudociência¹) não são devidamente tratadas pelos veículos de comunicação e publica-se na íntegra - e como verdadeiro - tudo aquilo que as assessorias de comunicação ou os próprios autores enviam como sugestão de matéria. Devido à sua peculiaridade, a divulgação e análise de assuntos referentes à Medicina & Saúde, se não abordados adequadamente ou recebendo apenas atenção superficial, geram confusões e polêmicas entre os leitores.

¹ CALDAS (1998, p. 24): “Paralelamente à conscientização dos pesquisadores e dos dirigentes da área de C&T sobre a relevância da divulgação, verifica-se uma invasão maciça da pseudociência - assuntos místicos e esotéricos -, na mídia mundial e na brasileira, em particular.”

Quando os veículos contam com profissionais especializados nestas áreas, o cuidado tende a ser maior, mas nunca garantindo que as informações publicadas venham a ser compreendidas corretamente pelo público leitor. Em jornais de menor porte, onde o carro-chefe é justamente o departamento comercial e pouco se questiona sobre o conteúdo das informações enviadas, a publicação indevida de assuntos médicos se faz mais presente. Nestes casos, a mera observação que a responsabilidade do material publicado é do autor, não minimiza a obrigação que os meios de comunicação têm em responder pela veiculação de assuntos ligados à saúde. Muitas vezes, o jornalista acaba sendo apressado na divulgação de determinada notícia científica e a distorce. Isso ocorre, nem sempre, por más intenções, mas por desconhecimento do assunto, excesso de confiança na fonte ou ânsia de dar a notícia.

Na região do Grande ABC existe um número bastante representativo de jornais com tiragem diária, semanal, bissetimanal, quinzenal ou mensal – denominados veículos periféricos² – que abastecem de informações a população que os recebe, muitas vezes, gratuitamente em domicílios ou pontos de distribuição (bancas de jornal, espaços públicos etc). Estudo realizado por Souza (1999), mostrava que os 40 jornais periféricos do ABC, juntos, eram responsáveis pela tiragem declarada (embora não seja possível sua comprovação) de 2.791.100 exemplares por mês, enquanto o *Diário do Grande ABC*, maior veículo de circulação na região, produzia no mesmo período 1.300.004 exemplares.

Grande parte destes jornais periféricos se abastece de informações provenientes das assessorias de imprensa de empresas, órgãos públicos, universidades ou mesmo atuando com o chamado gilette press, ou seja, simplesmente veiculando informações publicadas em outros meios de comunicação, sem sequer dar o crédito aos autores.

Neste artigo, analisaremos especificamente o espaço destinado aos temas Medicina & Saúde que, muitas vezes, não ganha o cuidado que merece. Eventualmente, os jornais periféricos publicam informações cujos objetivos nem sempre são de cunho educativo/informativo, mas se travestem de informação, quando, na verdade, servem apenas para comercializar produtos e serviços de saúde, mesmo que subliminarmente. Outra pergunta

² “Os jornais fazem parte de uma categoria que funciona como interface entre o hegemônico e o alternativo. Conceituamos estes jornais como de imprensa periférica, por conter ingredientes próprios que os diferencia de outras categorias existentes: hegemônica, sindical ou alternativa”. (SOUZA 1999, p.11)



que procuramos responder nesse estudo é: caso a informação produzida não conte com cuidados especiais, pode ela ocasionar mau uso por parte dos leitores?

2 METODOLOGIA

A pesquisa que norteou o estudo do conteúdo dos jornais periféricos do ABC – foi conduzida em etapa previamente definida, conforme ressalta Rudio (1996, p. 9): “a pesquisa é um conjunto de atividades orientadas para a busca de determinado conhecimento. Para ser científica deve distinguir-se pelo método, pelas técnicas e por estar voltada para a realidade empírica e pela forma de comunicar o conhecimento obtido”. Desta forma, a primeira etapa do processo foi o levantamento bibliográfico sobre o tema em questão – os jornais periféricos do ABC e a Saúde – e a atualização das informações sobre estes veículos. Na fase de elaboração do projeto, pudemos identificar, empiricamente, que o universo a ser pesquisado girava em torno de 40 jornais periféricos na região. O primeiro passo deveria contemplar a atualização das informações a respeito dos veículos e verificar se os mais antigos em cada cidade ainda estavam em atividade.

A metodologia ou procedimento analítico empregado trabalho foi uma combinação entre a aplicação de questionários aos profissionais da Saúde e entrevistas semi-estruturadas junto aos responsáveis pelos jornais e a análise de conteúdo. O uso do questionário foi indicado aos profissionais de Saúde, seguindo sugestão de Selltitz; Wrightsman; Cook (1987, p.16-17):

[...] Num questionário, a informação que se obtém é limitada às respostas escritas dos sujeitos a questões pré-elaboradas [...] Outra característica do questionário que é desejável, algumas vezes, mas nem sempre, é que este poderá exercer menos pressão sobre o respondente para que dê uma resposta imediata.

Para as entrevistas semi-estruturadas, a técnica também foi sugerida pelos autores ora citados, como vantajosa:

Numa entrevista, uma vez que o entrevistador e o entrevistado estão ambos presentes, à medida que as questões são formuladas e respondidas, há oportunidade para um cuidado maior na comunicação das questões e em fornecer informação. Além disso, o entrevistador tem oportunidade de observar tanto o sujeito como a situação total na qual a resposta ocorre. (p.16)

Indicado por Krippendorff (1997), o método misto de análise de conteúdo pode combinar técnicas qualitativas e quantitativas e sugere algumas etapas para um trabalho sério de análise, a saber: 1) formular uma hipótese ou questão para a pesquisa; 2) definir a população em questão; 3) selecionar uma amostra adequada da população; 4) selecionar e definir as unidades de análise; 5) construir as categorias do conteúdo a ser analisado; 6) estabelecer um sistema de quantificação; 7) treinar os codificadores e conduzir um estudo piloto; 8) codificar o conteúdo de acordo com as definições estabelecidas; 9) analisar os dados coletados; 10) estabelecer conclusões e pesquisar indicações.

Seguindo os passos indicados, a primeira etapa foi definida com a formulação das hipóteses ou questões de pesquisa. Para contemplar as etapas 2 e 3 deste estudo, ou seja, a definição da população em questão e a seleção de uma amostra adequada da população, a solução foi definir um número de jornais a ser estudado, cujo critério adotamos através de amostra não-probabilística como sendo a data de fundação do veículo, privilegiando os mais antigos em cada cidade do ABC, conforme estudado por Souza (1999).

Para que toda a região fosse contemplada pelo estudo, a pesquisa deveria abranger um veículo de cada cidade, ou seja, jornais periféricos das cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Desta forma, considerando as condições citadas (ano de fundação e localização em cidades diferentes da região), os veículos estudados foram: *Folha Regional Sete Municípios* (Santo André – fundado em 1992 – veiculação diária); *Folha do ABC* (São Bernardo do Campo – fundado em 1956 - veiculação semanal); *Tribuna do ABCD* (São Caetano do Sul – fundada em 1991 - veiculação semanal); *Diadema Jornal* (Diadema – fundado em 1963 – veiculação bissemanal); *A Voz de Mauá* (Mauá – fundado em 1970 – veiculação semanal) e a *Folha de Ribeirão Pires* (Ribeirão Pires – fundado em 1989 – veiculação semanal). Não havia registro de jornal sediado em Rio Grande da Serra.

Quanto à amostra, utilizamos as edições de março de 2002 como espaço de tempo a ser estudado, por tratar-se de um mês com cinco semanas, o que elevou a quantidade de exemplares a 20 edições da *Folha Regional Sete Municípios*, 5 da *Folha do ABC*, 4 da *Tribuna do ABCD*, 9 do *Diadema Jornal*, 4 de *A Voz de Mauá* e 7 da *Folha de Ribeirão Pires*.

Para selecionar e definir as unidades de análise – etapa número quatro sugerida por Krippendorf – achamos importante a definição deste item pelo autor: *“A unidade de análise é o que é realmente contado. É o menor elemento da análise de conteúdo. Na mensagem escrita, a unidade pode ser uma palavra, um tema, um tipo de artigo ou história [...] As definições das unidades de análise devem ser claras e precisas.”*

Desta forma, a unidade de análise foi composta pelas matérias que abordavam os assuntos referentes à Medicina & Saúde nos veículos estudados, num total de 189. Para a última fase do trabalho, a de análise qualitativa do material publicado, só parte das matérias que abordaram doenças foram encaminhadas para o parecer dos profissionais da saúde.

Para contemplar a etapa seguinte de estudo sugerida por Krippendorf – a construção das categorias para análise – durante os pré-testes realizados em 2001, pudemos verificar que algumas criadas por ocasião do estudo elaborado no *Proyecto Comsalud* (Projeto Comsaúde, protocolo de estudo – 1997 – mapeando notícias veiculadas em várias mídias nas Américas Central e do Sul, envolvendo 12 universidades latino-americanas) se mostraram conflitantes em relação à realidade da região, sugerindo, muitas vezes, temas que não se enquadravam ao nosso meio ou que não eram relevantes em nosso estudo. Desta forma, a solução foi adequar o conteúdo do protocolo à realidade regional. Entre as categorias administrativas utilizadas no estudo estão: gêneros e formatos jornalísticos, disposição espacial, extensão (em cm²), descritores temáticos, argumentos sugeridos pela mensagem, tipo de apelo predominante, sujeitos a que se fazem referência a mensagem, descrição do lugar onde ocorre o fato e grupo de referência, autoria, fonte, origem e linguagem.

Após a construção das categorias, entramos na etapa seguinte sugerida por Krippendorf, que é a de estabelecer um sistema de quantificação. Esta medida, no estudo em questão, foi a centimetragem quadrada e os gêneros, formatos, descritores temáticos e argumentos citados no parágrafo anterior. Especificamente no item descritores temáticos, justamente por já termos contempladas as fases 7 e 8 de Krippendorf nos pré-testes realizados previamente em março e setembro de 2001 (treinar os codificadores a conduzir um piloto e codificar o conteúdo de acordo com as definições estabelecidas), achamos por bem criar os descritores na medida em que eles foram aparecendo no material coletado. Esta ação – mais trabalhosa – permitiu a elaboração de itens mais adequados aos textos estudados e evitou a



categorização de itens que sequer apareciam no espaço de tempo que definimos para a amostragem.

A etapa seguinte, a de análise de dados, é aquela em que descrevemos a quantificação, descobrimos correlações e utilizamos parâmetros estatísticos para podermos produzir interpretações adequadas ao estudo.

Depois da fase de análise de conteúdo das matérias publicadas nos jornais periféricos do ABC a proposta foi realizar *in loco* uma entrevista semi-estruturada junto aos responsáveis pelos jornais para identificar, a partir do ponto de vista de quem faz o jornal, a presença de espaços destinados aos temas Medicina & Saúde, bem como verificar a procedência (fontes) das informações ali veiculadas.

Tendo em mãos os dados quantitativos obtidos nas amostras eleitas para o estudo, a última parte do levantamento de dados incluiu a separação das matérias referentes às doenças e a distribuição de parte desse material para o estudo em profundidade por um grupo de profissionais da saúde. Para esta etapa, construímos um questionário e encaminhamos para dois especialistas nas áreas cujos temas foram abordados (por exemplo, ginecologia, otorrinolaringologia, cardiologia etc). Estes profissionais poderiam apontar com autoridade se o conteúdo publicado nestas matérias específicas se apresentava cientificamente fundamentado ou se representam algum tipo de perigo à saúde do leitor. A inclusão desta ação seguiu as sugestões apontadas por Bueno (2001, p. 685), quando afirmou que: *“Urge buscar a opinião de especialistas, talvez constituindo equipes de consultores ou buscando parceria com entidades da área, que podem ajudar na avaliação das informações, o que, afinal de contas, para elas, significa exercer plenamente a cidadania.”*

A medição do grau de confiabilidade do material divulgado nos jornais periféricos do ABC e seu conseqüente resultado positivo puderam justificar a idéia de Epstein (2001, p.162) quando afirmou que “uma informação adequada, cognitiva e emocional reduz de uma maneira sensível os custos de prevenção e tratamento das enfermidades”. Neste sentido, pudemos também confrontar o perfil das doenças abordadas nas matérias publicadas com a realidade da região do ABC, verificando se contemplavam as enfermidades mais presentes nos índices de morbidade³ (Tabela 1) e mortalidade⁴ locais (Tabela 2). Esta comparação permitiu que o

³ Em epidemiologia, medida da frequência de determinada doença, independente de sua evolução, ou seja, cura, morte ou cronicidade (FORATTINI, 1996).

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Científica e Ambiental**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

presente estudo sugerisse novos temas a serem lembrados pelos veículos e que, efetivamente, fossem mais representativos em promoção da saúde e prevenção às doenças que mais acometem os moradores do ABC, dando um conceito mais utilitarista à Comunicação em Saúde.

Tabela 1 – Comparativo entre causas de mortalidade nas cidades do Grande ABC – 2001

Município	1ª Causa	2ª Causa	3ª Causa	4ª Causa	5ª Causa	Demais causas definidas
Santo André	IX. Doenças do aparelho circulatório 33.54%	II. Neoplasias (tumores) 16.91%	XX. Causas externas de morbidade e mortalidade 12.68%	X. Doenças do aparelho respiratório 11.33%	XI. Doenças do aparelho digestivo 5.76%	19.78%
S.B.do Campo	IX. Doenças do aparelho circulatório 32.20%	II. Neoplasias (tumores) 17.40%	XX. Causas externas de morbidade e mortalidade 15.48%	X. Doenças do aparelho respiratório 9.1%	XI. Doenças do aparelho digestivo 5.63%	20.19%
S.C.do Sul	IX. Doenças do aparelho circulatório 40.64%	II. Neoplasias (tumores) 20.21%	X. Doenças do aparelho respiratório 10.82%	XI. Doenças do aparelho digestivo 5.19%	XX. Causas externas de morbidade e mortalidade 4.98%	18.16%
Diadema	IX. Doenças do aparelho circulatório 28.12%	XX. Causas externas de morbidade e mortalidade 23.48%	II. Neoplasias (tumores) 12.62%	X. Doenças do aparelho respiratório 8.18%	XVI. Algumas afec originadas no período perinatal 7.27%	20.33%
Mauá	IX. Doenças do aparelho circulatório 25.30%	XX. Causas externas de morbidade e mortalidade 18.88%	II. Neoplasias (tumores) 12.70%	X. Doenças do aparelho respiratório 9.61%	XVI. Algumas afec originadas no período perinatal 8.91%	24.6%
Rib.Pires	IX. Doenças do aparelho circulatório 32.06%	II. Neoplasias (tumores) 17.77%	XX. Causas externas de morbidade e mortalidade 12.72%	X. Doenças do aparelho respiratório 9.93%	IV. Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas 7.49%	20.03%
R.G.da Serra	IX. Doenças do aparelho circulatório 28.65%	XX. Causas externas de morbidade e mortalidade 16.85%	II. Neoplasias (tumores) 13.48%	X. Doenças do aparelho respiratório 11.24%	XVI. Algumas afec originadas no período perinatal 8.99%	20.79%

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) – 2001

Tabela 2 – Quadro comparativo das 5 principais causas de morbidade parcial no Grande ABC

⁴ Número de indivíduos egressos da população, mediante a morte. 2 – em epidemiologia, medida da frequência de determinado agravo à saúde por meio dos casos que chegam à morte (FORATTINI, 1996).

Causa/%	Santo André	São Bernardo do Campo	São Caetano do Sul	Diadema	Mauá	Ribeirão Pires	Rio Grande da Serra
Gravidez parto e puerpério	25,59%	27,33%	12,88%	29,32%	32,21%	22,96%	38,37%
Transtornos mentais e comportamentais	10,42%	12,44%	12,42%	8,25%	5,84%	25,37%	7,86%
Doenças do aparelho circulatório	10,09%	10,26%	12,63%	9,08%	10,92%	9,04%	7,24%
Doenças do aparelho respiratório	8,54%	7,24%	12,48%	12,24%	8,81%	9,15%	7,93%

Fonte: Sistema de Informação Hospitalar/Datasus – 2001

3 ANÁLISE DE RESULTADOS

Embora sediados em cidades diferentes, os jornais periféricos do Grande ABC estudados contêm características comuns. A maior preocupação percebida nas entrevistas com seus proprietários é a de manter o funcionamento do veículo e, para tanto, a presença do material publicitário é imprescindível. Costa (2002, p.38) já havia detectado esta dependência das verbas em jornais pequenos o que, para a autora, é mais do que natural: “ *Sim, os jornais são, acima de tudo, empresas responsáveis pelo sustento de seus proprietários e dos funcionários que nela trabalham. Mesmo porque receber dinheiro pelo trabalho não caracteriza, em primeira análise, uma transgressão à lei.*”

Entre os jornais, o *Diadema Jornal* foi o que mais espaço reservou para a publicidade (62%), com cadernos específicos para este segmento (Tabela 3). Trata-se, dentre os jornais assistidos no período, o maior e mais bem equipado da região, com melhor estrutura tanto de recursos humanos como de equipamentos. O jornal com menor presença de material publicitário foi a *Folha Regional Sete Municípios*, com 12,44% de suas edições destinados a este fim.

Tabela 3 - Presença de informações X espaço publicitário

JORNAL	% INFORMAÇÃO	% ESPAÇO PUBLICITÁRIO
Folha Regional	87.56%	12.44%
Folha do ABC	43.8%	56.2%
Tribuna do ABCD	66%	34%
Diadema Jornal	38%	62%
A Voz de Mauá	63%	37%
Folha de Ribeirão Pires	43.74%	56.26%

Fonte: estudo dos jornais periféricos do ABC realizado pelo autor em março de 2002.

Em razão dos diferentes formatos e projetos gráficos, não há como comparar o destaque dado pelos jornais para o tema Saúde se analisarmos apenas as chamadas de capa ou os elementos ilustrativos das matérias. Os números mostram que o jornal *A Voz de Mauá* foi o que mais exibiu matérias sobre Saúde em sua capa (100% das matérias) enquanto a *Tribuna do ABCD* em nenhum momento levou a Saúde para a primeira página. É importante frisar que quantidade não é qualidade neste caso, já que o jornal mauaense não costuma dar chamadas de capa para matérias publicadas em outras seções internas, mas apenas veicula pequenas notas, sem cobertura mais ampla. A *Folha Regional Sete Municípios*, por exemplo, embora registrando apenas 1,74% de matérias sobre Saúde na sua capa, reserva espaço nobre – a última página – para o assunto, o que qualitativamente se torna bem atraente para o leitor.

Se analisarmos quantitativamente a presença de material noticioso sobre Saúde nos jornais estudados, poderemos verificar que a *Folha do ABC* é o veículo que mais espaço dedica ao assunto, independentemente de incluirmos ou não as matérias sobre dengue publicadas no mês de março. O montante pode ser justificado em virtude da presença de colaboradores da área da Saúde – sobretudo médicos – que escrevem artigos com frequência e encontram naquele jornal espaço disponível para a publicação

Em dois dos jornais estudados – *A Voz de Mauá* e a *Folha de Ribeirão Pires* – registramos 100% de matérias classificadas no gênero jornalístico informativo. Estes números se justificam pelo fato destes veículos não contarem com articulistas ou colaboradores na área da Saúde. Enquanto isso, o jornal *Folha do ABC* é o que mais registra presença do gênero



opinativo, uma vez que é grande o espaço das colunas e artigos de profissionais de saúde naquele jornal.

Quanto à disposição espacial, verificamos que a Saúde só conta com espaço cativo em dois jornais: a *Folha Regional Sete Municípios* e o *Diadema Jornal*. Nos demais veículos o material noticioso deste segmento se dilui em diversas seções, salvo os casos onde se apresenta como opinião, ficando aí presente nos espaços dos articulistas, colaboradores e dos leitores.

Em todos os jornais pesquisados as matérias registravam preocupação em sugerir comportamentos saudáveis aos leitores, sendo que, na maioria das vezes, esta atitude era manifestada em ações promovidas pelo poder público, geralmente municipal. Ações de cunho individual também encontraram espaço dos periféricos estudados, com exceção de *A Voz de Mauá* e da *Folha de Ribeirão Pires*.

Dado o viés introduzido neste estudo – a dengue – justificada pela epidemia registrada no início de 2002 - foi a doença transmissível mais referenciada pelos veículos de comunicação. As doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS também estiveram representadas nos jornais estudados, bem como o câncer - nas suas diversas manifestações - foi objeto de atenção dos veículos de comunicação do Grande ABC. Diversas outras enfermidades foram citadas nos jornais pesquisados, mas sempre de forma pulverizada, sem muita ligação com campanhas ou ações previamente idealizadas pelos responsáveis pela saúde da região.

Provavelmente de modo não intencional, as matérias veiculadas nos jornais estudados acabaram por contemplar enfermidades presentes nos quadros de morbi-mortalidade da região do Grande ABC. No jornal *Folha Regional Sete Municípios*, distribuídas em 58 matérias sobre Saúde publicadas em março, tivemos 50 referências de doenças, sendo 31 de enfermidades transmissíveis e 19 não-transmissíveis.

Em São Bernardo do Campo, a *Folha do ABC* também acabou referenciando por 50 vezes enfermidades nas 30 matérias veiculadas em março de 2002. Segundo o critério quantitativo, no segmento das doenças transmissíveis, a dengue (por razões apresentadas anteriormente) foi lembrada em 20 oportunidades. No segmento das enfermidades não-transmissíveis, o câncer, nas suas diversas manifestações, foi lembrado em seis oportunidades



nas matérias da *Folha do ABC*. A doença ocupa o 2º lugar no quadro de mortalidade da cidade (17,40%) e o 8º na de morbidade (3,92%).

Em São Caetano do Sul, apenas quatro matérias sobre enfermidades foram veiculadas no jornal *Tribuna do ABCD* em março de 2002, sendo três sobre dengue e uma sobre Aids. Ambas as doenças estão presentes no quadro de mortalidade de São Caetano do Sul junto com as demais de seu grupo como a 7ª causa (4,34%) e também a 7ª de morbidade (4,77%). Dessa forma, o jornal sancaetanense passou longe de referir outras enfermidades de maior pontuação nos quadros de morbi-mortalidade do município.

No *Diadema Jornal*, sediado na cidade de Diadema, nas 82 matérias sobre Saúde publicadas em março de 2002, por 31 vezes encontramos referências sobre enfermidades presentes no quadro de morbi-mortalidade do município. No grupo das doenças transmissíveis foram 13 citações e no das não-transmissíveis 18 referências. No grupo das doenças não-transmissíveis, o câncer recebeu quatro citações. A doença é responsável pela 3ª causa de mortalidade (12,62%) e 9ª de morbidade (3,04%) na cidade.

No jornal escolhido como objeto de estudo no município de Mauá, *A Voz de Mauá*, todas as doenças referidas tinham relação com o quadro de morbi-mortalidade da cidade. As duas citações sobre dengue contemplavam o grupo de enfermidades responsáveis pela 8ª causa de mortalidade em Mauá (4,45%) e 12ª de morbidade (2,42%).

Quanto ao resfriado, lembrado em uma das matérias publicadas em março de 2002, está classificado no grupo das doenças do aparelho respiratório, responsável pela 4ª causa de morte na cidade (9,61%) e 3ª de morbidade (8,81%). Assim como em São Caetano do Sul, o jornal mauaense pouco fez menção às outras enfermidades presentes na cidade.

No último veículo estudado, a *Folha de Ribeirão Pires*, na cidade de mesmo nome, nas oito matérias publicadas, todas as citações sobre doenças – 4 no total – foram sobre a dengue. O grupo desta enfermidade é responsável pela 8ª causa de mortalidade em Ribeirão Pires (3,31%) e também 8ª de morbidade (2,99%). Nenhuma outra enfermidade esteve presente nas páginas da *Folha de Ribeirão Pires* de março de 2002.



Qualidade da informação em saúde

Para responder a principal questão de pesquisa proposta neste trabalho fomos buscar com aqueles que entendem de Saúde o diagnóstico da qualidade da informação veiculada nos jornais periféricos do Grande ABC. Para tanto, utilizando o método não-probabilístico e amostragem intencional, efetuamos a escolha de algumas matérias publicadas no período de estudo para passar por análise dos profissionais de saúde. Convidamos 12 profissionais da Saúde – na sua maioria professores da Faculdade de Medicina do ABC - para responder um questionário específico, onde reunimos os dados pessoais dos pesquisados, formação acadêmica e opiniões sobre a importância da Comunicação na divulgação de assuntos ligados à Saúde. Além disso, os profissionais foram convidados a ler algumas matérias e avaliar se o seu conteúdo apresentava informação incorreta. Naquelas matérias onde havia identificação da autoria, tomamos cuidados de omiti-la, a fim de não influenciar os pesquisados na hora da avaliação.

As matérias foram entregues a dois profissionais de cada especialidade médica, de acordo com o tipo de enfermidade que era abordada nos textos. As especialidades contempladas foram: Ginecologia e obstetrícia, Pneumologia, Neurologia, Otorrinolaringologia, Cardiologia e Saúde Coletiva.

Em mais de uma oportunidade, os profissionais de Saúde convidados a avaliar as informações detectaram problemas. É claro que nenhuma delas havia um convite direto à adoção de alguma atitude que pudesse levar o leitor à óbito, mas vale ressaltar que, pelo que pudemos acompanhar nos pareceres dos médicos, nem tudo o que é publicado, mesmo com fontes tidas como “confiáveis”, se mostra verdadeiro. Como destaque negativo citamos as matérias ligadas às especialidades de cardiologia, ginecologia e otorrinolaringologia que, se seguidas à risca em suas propostas, poderiam representar riscos à saúde dos leitores.

Com este estudo, cai por terra o preconceito que alguns profissionais da Saúde guardam contra os jornalistas de que o que é escrito pelos comunicadores apresenta conteúdo generalista e, por vezes, sensacionalista. Por mais de uma oportunidade, foram os próprios médicos os responsáveis pela redação nas matérias veiculadas nos jornais estudados e mesmo eles cometeram deslizes científicos nos textos, apontados pelos seus pares.

4 CONCLUSÕES

Depois de mapearmos durante um mês o conteúdo dos jornais periféricos mais antigos e em atividade no Grande ABC, podemos tirar algumas indicações sobre o comportamento desses veículos em relação às informações sobre temas ligados à Saúde da região. É inegável que o assunto se faz presente em cada um dos veículos pesquisados, em maior ou menor escala. No que tange à qualidade médica do material, os próprios profissionais da saúde mostraram que nem sempre há concordância nessa área. Quanto à qualidade jornalística, ou seja, se o conteúdo era acessível aos leitores, acreditamos que haja necessidade de ser implementado novo estudo, agora de recepção junto aos leitores, para medir esta variável. De maneira geral os textos utilizaram linguagem simples, mas como não temos claro qual é o público-alvo, estamos impedidos de avaliar se o que as informações veiculadas seriam compreendidas pela totalidade dos leitores.

Todos os responsáveis pelos jornais que serviram como objeto deste estudo manifestaram-se preocupados em veicular informações sobre o tema Saúde, mas, ao mesmo tempo, se mostraram limitados em relação ao espaço que poderiam deixar disponível para a Saúde, sacrificados sempre pela necessidade de equilibrar os custos de produção de seus jornais e a urgência cada vez maior de conquistar novos anunciantes para ocupar suas páginas publicitárias.

Detectamos uma carência de fontes confiáveis de informação e uma limitação de conhecimento na área de Saúde por parte dos responsáveis pelos veículos estudados. Aparentemente, embora todos demonstrem boa vontade em tentar compreender a realidade da região onde seus jornais são distribuídos, a pauta desses veículos é feita de maneira mais prática, privilegiando assuntos que estão presentes nos demais meios de comunicação e servindo como caixa de ressonância dos *press-releases* enviados pelos colaboradores, poder público e alguns anunciantes.

Embora alguns jornais tenham contemplado em suas páginas assuntos que fazem parte das causas principais de morbi-mortalidade da região do Grande ABC, na maioria das vezes as matérias que se referiam a esses temas não foram pautadas pela relevância que as enfermidades tinham no quadro da Saúde da região, mas sim porque poderiam ser educativas aos leitores e prestar algum tipo de esclarecimento.

Não seria má idéia também que os profissionais que atuam nos jornais periféricos da região buscassem se capacitar para este fim através de cursos e leituras que pudessem auxiliá-los na hora de traduzir o “mediquês” para o português, garantindo melhorias na qualidade do produto final do jornalismo: a informação.

Embora não tenha sido detectada nenhuma ingerência de anunciantes no material publicado nos periféricos pesquisados, nas entrevistas alguns jornalistas deram a entender que é mais fácil conquistar espaço em seus veículos sendo anunciante. Os profissionais não vêem nenhuma promiscuidade ou interferência neste procedimento, mas, no máximo, apenas uma troca de favores: eu anuncio, você publica. O que pudemos identificar em mais de um veículo foi a presença de publieditorial ou publicidade redacional, ou seja, informações travestidas de matérias que, na verdade, eram anúncios, nem sempre claramente identificados. Segundo Santos (2002, p. 67),

A publicidade redacional tem a mesma caracterização do publieditorial ou informe publicitário quanto ao formato, mas não traz a inserção da identificação de “informe publicitário”, dificultando ainda mais para o leitor separar o que é publicidade e propaganda do que é matéria jornalística.

Trata-se de um procedimento de risco aos jornalistas responsáveis pelos jornais que, em tese, são os que responderão pela veracidade das informações veiculadas. Embora alguns deles tenham ciência do que diz a Lei de Imprensa, Código do Consumidor e Código de Ética dos Jornalistas fica o alerta de que apenas publicar o lembrete de que o jornal não se responsabiliza pelas matérias terá o mesmo efeito que deixar a porta de casa aberta e fixar o anúncio de “Proibido a entrada de ladrões”.

Foi interessante verificar a preocupação dos profissionais de Saúde em colaborar para que as informações publicadas tenham caráter educativo e preventivo, sugerindo pautas que, às vezes, sequer foram pensadas pelos responsáveis pelos jornais. Parece até contraditório achar que os que vivem da doença gostem da saúde, mas esta disponibilidade em colaborar dos médicos mostra que comunicadores e profissionais da saúde devem trilhar o mesmo caminho, trocar informações e estar sempre de olho naquilo que pode ser útil dizer à população.



Outro indicativo que tiramos deste estudo é a força que os jornais periféricos têm junto à população. Embora não sendo acessível a 100% dos moradores em função da tiragem limitada, esses veículos de comunicação contam com uma vantagem sobre o de maior circulação na região (Diário do Grande ABC): são distribuídos gratuitamente. Assim sendo, chegam nas mãos de uma faixa de população que, embora possa não ter condições de adquirir um jornal, busca satisfazer seu hábito de leitura nos pequenos jornais, distribuídos casa a casa ou em bancas e repartições públicas.

Outra porta que se abre depois deste estudo é para os produtores de conhecimento na área da Saúde: os jornais periféricos estão carentes de fontes confiáveis que os abasteçam com informações de qualidade nesta área. Cabe às universidades, serviços públicos de saúde ir além dos muros que os separam dos usuários dos equipamentos de saúde da região e, numa atitude pró-ativa, passar a ver com outros olhos os jornais periféricos como veículos de democratização do conhecimento e de incentivo às ações preventivas e educativas em saúde.

Aos proprietários dos jornais periféricos fica a sugestão de ter em mente a necessidade de publicar informações que dizem respeito ao público que lê o jornal, propondo pautas que, ao mesmo tempo em que contemplem a realidade da região, tenham como informantes profissionais qualificados (sempre mais do que um) e preocupados com a melhoria da saúde dos leitores.



5 REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. A cobertura da saúde na mídia brasileira: os sintomas de uma doença anunciada. In: EPSTEIN, Isaac et al. (Org.). **Mídia e saúde**. Adamantina: UNESCO/UMESP/ FAI, 2001. p. 671-685.

CALDAS, Maria das Graças Conde. **Jornalistas e cientistas devem atuar em conjunto**. São Bernardo do Campo: UESP, 1998. (Reprints UESP, 6).

COSTA, Letícia Maria Pinto da. **A produção e a recepção do jornal A Voz do Vale do Paraíba**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

EPSTEIN, Isaac. Comunicação e saúde. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 35, p.159-186, 2001.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. **Epidemiologia geral**. 2. ed. São Paulo: Artes Médicas, 1996. 210 p.

KRIPPENDORF, K. **Metodologia de analisis de contenido**. Teoria y prática. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE SÃO PAULO. **Morbidade das internações hospitalares do Sistema Único de Saúde – SUS no estado de São Paulo – ano 2000**. Disponível em: www.saude.sp.gov.br/dsaude/morb_mor/m_geral/html/Mg_ds.htm. Acesso em: 15/02/2002.

SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987.

SANTOS, Lana Cristina Nascimento. **Ponto de fusão: aspectos publicitários nos discursos da divulgação científica**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo.

SOUZA, Wilson de Oliveira. **Informações periféricas no ABC: inventário dos veículos periféricos na construção da informação local na região do ABC paulista**. 1999. 157f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.